

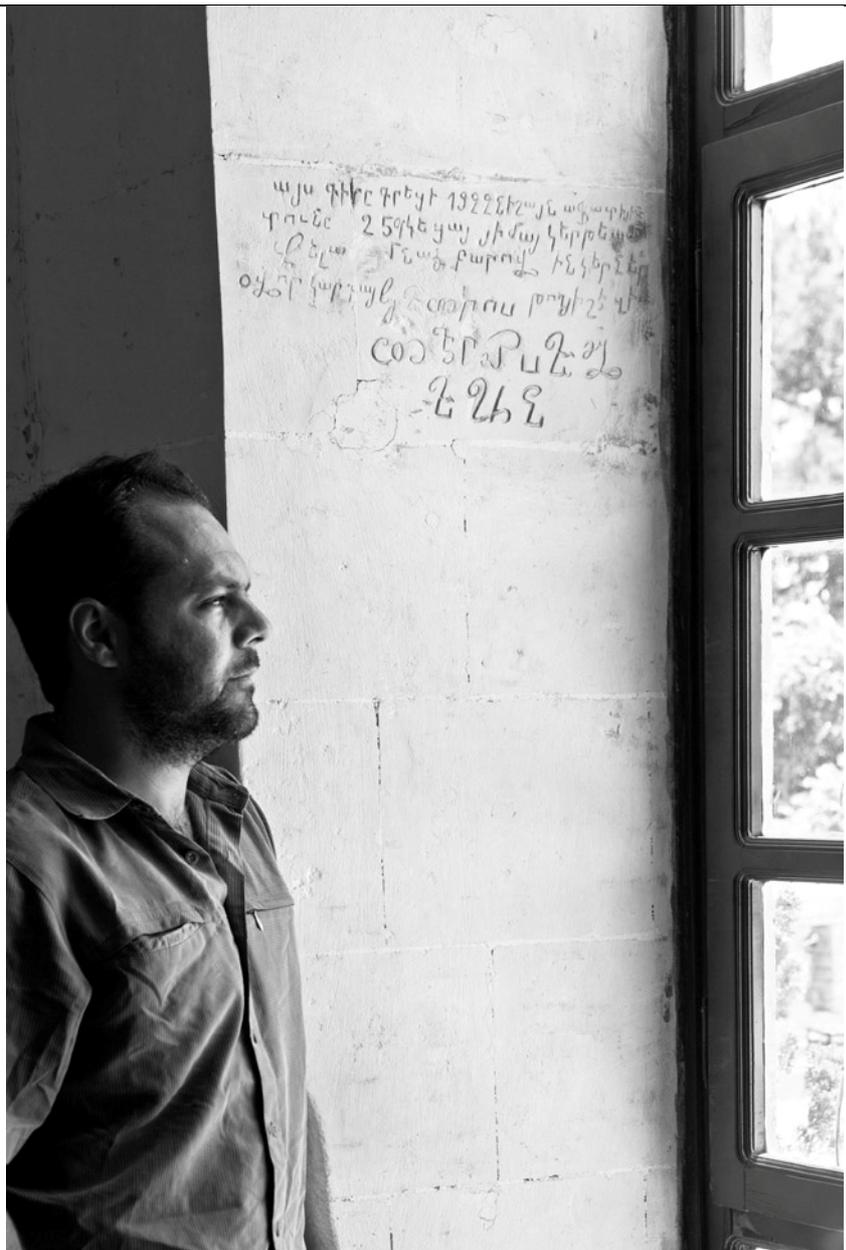
O recado na parede encontrou o seu destinatário

Por Esra Elmas, elmesra@gmail.com

A jornada de Stepan Norair Chahinian, que começou na Armênia em 24 de março e se estendeu pela Turquia, é muito familiar para os leitores do *Agos* (NR: jornal turco-armênio publicado em Istambul, fundado por Hrant Dink) e para muitas pessoas que vivem nesse país. Entretanto, tal empreitada é estranha e ao mesmo tempo surpreendente. A família de Norair Chahinian é uma das milhares de famílias armênias que foram arrancadas do lugar onde viviam e forçadas para ir para outro lugar em 1915. Ele nasceu em 1979 como membro da terceira geração da família em São Paulo, Brasil, cuja linhagem paterna o remete à Urfa e Marach e a de sua mãe à Iskenderun (Alexandreta). Hoje, mesmo que aqueles acontecimentos ainda não estejam reconhecidos devidamente 97 anos depois de 1915, Norair Chahinian com sua câmera fotográfica às mãos está em busca do rastro que a sua família deixou. Norair tem uma longa estrada pela frente e está procurando muitas coisas nela. Entretanto, apesar do medo comum na Turquia, ele não está em busca de uma casa ou terras para requerer a posse. Ele está atrás de uma história – uma história que respirou, andou, chorou, foi feliz e então desapareceu e sobreviveu nessas terras. Norair está atrás da promessa que ele fez ao seu avô de Marach, um fotógrafo como ele, que disse “Eu sei que um dia você irá até os lugares onde nós nascemos”.

Fotografia por Esra

Elmas: O bisavô de Norair e seus irmãos fizeram um pacto entre si quando perceberam que teriam que fugir: “Se um de nós for separado dos outros, aquele que ficar na casa deverá escrever na parede do pequeno quarto do segundo andar para onde ele foi”. Como esperado, eles se separaram. Então aquele que voltou à casa deixou um recado para os outros “Em 1922 eu vim à casa de Nishan Efendi. Fiquei aqui por 25 dias. Agora estou partindo para Aleppo. Adeus, amigos. Aqueles que lerem este recado de Bedros, lembrem-se de mim. Assinado: Der... YAN”



A primeira parada de Stepan Norair Chahinian foi em Istambul. Às duas da manhã, o seu voo aterrisou no Aeroporto Ataturk . Ele se instalou num hotel em Beyazit. E andou durante horas nesse seu primeiro dia em Istambul. “Eu não levei minha câmera ou meu celular comigo”, disse. “Só andei por horas, sozinho... olhando para as pessoas, as ruas; tentando entender, sentir... Escutei os sons e olhei a cidade... eu precisava dessa experiência...fazer isso no meu primeiro dia, no começo da minha jornada na Turquia...”

No seu segundo dia em Istambul, eu encontrei Norair no *Café Ara*. Na verdade, não foi uma escolha consciente de minha parte encontrarmos no café do famoso fotógrafo armênio Ara Güler. Foi uma surpresa e coincidência para mim, mas não para Norair. O nosso encontro naquele lugar era parte de um plano maior seu. Ara Güler é um ídolo para ele. “Ele é um ícone”, diz Norair.

“Quero dizer viveu aqui, trabalhou, montou isso; tirou fotos...e fez isso por conta própria. Procurou e assumiu suas raízes e fez por merecer o respeito que tem”.

Se não existem coincidências, não posso deixar de pensar por que nesta terra onde as palavras ainda são controladas, aqueles que falam por meio das imagens são geralmente aqueles que viveram a experiência dolorosa desse país. É claro que é possível também encontrar razões históricas, sócio-econômicas e culturais para explicar isso; mas quando Norair diz que “a fotografia é um idioma para mim – um idioma para ser falado em alto e bom som onde as palavras não são ouvidas”, eu já estou convencida.

“Por que você está aqui?” pergunto. “O que está procurando? O que você está fazendo?”. Norair começa me contando sobre sua viagem à Armênia em 2005. Ele viajou o país de ponta a ponta, fotografando pessoas e lugares. Em 2008, publicou esses retratos e paisagens num livro. O seu propósito era principalmente oferecer aos armênios da Diáspora uma visão por dentro da pátria-mãe, que eles estariam buscando, curiosos, à distância. O livro provocou um grande interesse e – nas palavras do cônsul armênio no Brasil – animou muitos armênios da diáspora a concretizarem o seu sonho de visitar a Armênia.

Depois disso, Norair decidiu assumir a jornada que, em seu coração, ele sempre soube que iria acontecer um dia. Dessa vez era a vez de visitar as terras onde seus avós nasceram e de onde eles vieram, e assim começou a sua jornada pela Turquia. “Qual foi a reação da sua família quanto a essa decisão? O que eles disseram? ficaram assustados, com dúvidas?” pergunto. “Não”, diz ele. “Não tiveram dúvidas ou tentaram me impedir. Talvez eles tenham ficado preocupados, mas mais do que tudo, acho que eles sentiram um certo orgulho. Meu pai me disse que ele sabia que eu faria isso um dia”.

O falcão de Marach voou para o Brasil

Enquanto conversávamos, Chahinian percebe que Ara Güler também está em seu Café, e fica inquieto. Sai às pressas do local e logo retorna da livraria mais próxima com um livro de Ara nas mãos. Depois de alguns minutos de hesitação, se aproxima de Güler. Ara Güler pergunta pelo seu nome para autografar o livro. Eles começam a falar em armênio quando Chahinian responde "Norair".

Quando ele retorna à nossa mesa, pergunto: "Qual é o significado de seu sobrenome, Chahinian? Qual a procedência?" "De Marach", responde

imediatamente. De acordo a relatos familiares, antes dos Jogos Olímpicos, existiam competições de corrida em Marach. E um de seus antepassados era um dos corredores velozes nessas competições. Tão rápido, que saltara de uma margem de um riacho para a outra e os presentes lhe apelidaram de falcão dizendo: "Você é um falcão (sahin - chahin). Esse apelido tornou-se o sobrenome da família. A partir de 1915, a família do Chahinian começa a se dispersar, saindo de uma extremidade do mundo, Urfa, Marach e Iskenderun para outra, o Brasil.

Quando ele termina de contar a história do antepassado, permanecemos em silêncio por um algum tempo. "Então", digo finalmente, "Como? quando a sua família deixou Urfa, Marach e Iskenderun?" "Isso não era muito falado na família...o ano de 1915", responde. "Mas me lembro de algumas coisas, é como se elas tivessem sido gravadas na minha mente. A minha família, a parte procedente de Marach (avo, bisavó paternos), na verdade fugiu de lá por duas vezes. A primeira em 1915, para a Síria ... Eles ficaram lá por 3 a 5 anos. Em seguida, ao fim da guerra, acreditaram que poderiam retornar para sua cidade e casas, pois tudo estaria voltando ao normal. Assim, retornam a Marach em 1919. No entanto, percebem que nada havia mudado e que a vida estava longe de ter voltado ao normal. Então, vendo isso, retornam para Alepo, Síria, mais uma vez. Na verdade nesta segunda saída, muitos membros da família se dispersas e seguem para diversas partes do mundo. Meu avô tinha 7 anos então. E havia seu irmão mais novo, de 5. Na fuga, os dois irmãos entram numa embarcação com outros familiares. O irmão mais novo começa a chorar no barco, e não conseguem fazê-lo silenciar. Chora tanto que as pessoas a bordo ficam com medo pela sua própria segurança, com medo de que possam ser apanhados. E há uma discussão por algum tempo se devem abandonar a criança no rio Eufrates ou não. Meu avô tem tanto medo de perder seu irmão mais novo que ele o abraça com força para que seus gritos não possam ser ouvidos e não o deixem por lá, no rio... Nesse clima de pânico, e chorando por todo o caminho, chegam à Síria. Esta é uma história que eu não posso apagar da minha mente. O que fez todas essas pessoas quase deixarem uma criança no rio parece insuportável para mim, muito insuportável..."

Mais uma vez, ficamos em silêncio por algum tempo. Então ele continua com sua história: "A história da família da minha mãe é semelhante. A minha bisavó materna nasceu num barco, na rota de fuga... Na verdade eu me sinto mal ao falar sobre essas coisas. E não é porque a minha família passou por dores tão grandes. Foi assim com todos e até coisas muito piores. Afinal, a minha família está entre as poucas que conseguiu sobreviver. Muita gente simplesmente não pôde escapar, eles não tiveram a sorte de conseguir. Me doi pensar que faço parte desses poucos que sobreviveram.



Descrição da foto: Esta foto, em que a família Chahinian está reunida, foi tomada em Aleppo, no final dos anos 1930. O jovem alto, à esquerda, é o avô fotógrafo do Norair, Avedis Chahinian. No centro está Panos o pai de Avedis. Hoje, dos membros da família na foto, apenas as duas irmãs sentadas no tapete estão vivas. Marie Koolian à esquerda e Helen Koolian à direita. Ambas vivem no Canadá.

Então pergunto: "Que tipo de vida eles tinham na Síria? Todos os membros da família conseguiram se reunir?" "Houve perdas, mas eles recomeçaram uma vida nova. Meu avô cresce e abraça a fotografia, em Aleppo. Ele começa a trabalhar no renomado estúdio Derounian, ali fotografando por vários anos. Foi também o correspondente da revista National Geographic no Oriente Médio. Os irmãos Derounian passam seu estúdio fotográfico ao meu avô quando vão embora de Aleppo. E é assim que ele sustenta familiares. Ele fotografa a vida da cidade, daqueles que imigraram para lá. A minha avó paterna, Anahid Der Bedrossian Chahinian, era uma pintora. Foi uma das fundadoras da Academia de Pintura Mardiros Sarian em Aleppo. Isso é o que eles realizaram por lá até os anos de 1960, quando são forçados mais uma vez a emigrar, dessa vez, para o Brasil.

A nota na parede

"Há um fato importante que reuniu a minha família", diz Norair. "E o que foi isso?", pergunto. "O que me trouxe aqui agora é uma pequena nota que meu

tio-bisavô gravou na parede de sua casa em Urfa." "Que nota, o que dizia?" pergunto novamente. "Meu bisavô Haroutioun Der Bedrossian, pai da minha avó paterna, Anahid, havia combinado com seus irmãos que por algum motivo se eles fossem obrigados a fugir da casa, de Urfa, se separassem uns dos outros, aquele que retornasse à casa deveria escrever na parede do pequeno quarto do segundo andar sua direção, para onde ele partiu". E acontece o que temiam, eles são separados. Então, aquele que retorna à casa deixa o recado para os outros familiares. "Em 1922 eu vim à casa do Nishan Efendi. Fiquei aqui por 25 dias. Agora estou partindo para Aleppo. Adeus amigos. Aqueles que lerem esta nota do Bedros, lembrem-se de mim. Assinado Der...YAN."

"Então essa é a nota que reuniu a família e que me trouxe a este mundo e aqui", diz Chahinian.

"Então você vai para Urfa?", digo. "É claro. Irei a Mardin, Iskenderun, Antioquia, Vakifly, Adiyaman, Kayseri, Adana, Van, Agri, Diyarbakir, Elazığ, Kars, Ani, e, com certeza, Urfa e Marach estão entre as cidades que irei visitar. Aquela casa ainda está ali. Em 1997, um primo do meu pai visitou Urfa e encontrou a casa. Eu vou para aquela casa, vou tirar fotos da casa, e da escrita na parede. Isto é ao mesmo tempo extremamente difícil e uma obrigação para mim."

É quase um milagre que a nota na parede não tenha sido apagada, removida. Norair me diz o endereço atual e o nome da casa. Depois de uma busca rápida na Internet, descobrimos que atualmente ela funciona como uma pousada. A Pousada Cevahir (pedra preciosa), subordinada ao governo de Sanliurfa, ou com seu outro nome, Mansão Kucuk Hacı Mustafá Hacikamiloglu, tem um site que não contém nenhum tipo de informação relacionada aquilo que Norair me conta. De acordo com o site, os herdeiros da mansão concordam em vendê-la ao governo de Sanliurfa, para que fosse administrada de forma privada, em 1991. Houve trabalhos de restauração, e em 2005, há mudança de administradores e começa a funcionar com o nome de Pousada Cevahir, sempre subordinada ao governo.

Como em muitos países a história oficial é construída sobre a dor de povo simples, por aqui também, onde reina um esquecimento fascinante, é fácil duvidar da história contada no site da mansão. Decidimos nos encontrar com Norair e eu decidimos nos encontrar dentro de uma semana em Urfa, em sua "casa", e nos despedimos. Ele parte para Vakifly, para se encontrar com "parentes" que continuaram vivendo por ali, para escalar o Monte Musa com eles e, claro, para tirar fotos sobre histórias que não são ouvidas, que não são lidas .

Ele é um 'hóspede' na casa de sua família em Urfa

O nosso segundo encontro acontece em sua "casa da família", em Urfa. Ele me conta com alegria e entusiasmo de sua escalada ao Monte Musa com novos

amigos da aldeia de Vakifly. Depois de chegar à pousada em Urfa, ele diz aos gerentes que gostaria de ficar no quarto com a nota escrita em armênio. E tem sorte ou, segundo as suas palavras, Deus teria decidido - consegue o quarto, que está vago. Uma construção de pedra onde dá para perceber que morava mais de uma família... Como Norair é também arquiteto, ele é capaz de perceber à primeira vista quais pedras foram substituídas, e que parte da construção ainda é a original.

E me mostra a escrita na parede, dizendo: "aí está." Um pequeno quarto que provavelmente foi usado como um estúdio num passado distante ... Na parede a esquerda de uma janela que abre ao terraço, em letras gravadas, talvez, com um caco de vidro ou quem sabe um prego, um aviso que conseguiu chegar aos seus destinatários ... Como é o caso com outros idiomas que foram e ainda são falados nessa região e que eu desconheço. Pergunto novamente o que exatamente está escrito nesta parede. Ele repete: "Em 1922 vim para a casa de Nishan Efendi. Fiquei aqui por 25 dias. Estou partindo agora para Aleppo. Adeus amigos. Aqueles que lerem esta nota de Bedros, lembrem-se de mim. Assinado:. Der ... YAN".

"Mas você tem certeza?" pergunto. "A mesma certeza que tenho de estar aqui agora, na sua frente", me responde com paciência, e desta vez não consegue conter as lágrimas. Depois de algum tempo em silêncio, caminhamos pelo quarto. Não estou certo se entendo como ele se sente. O que eu entendo e apenas o que capto de suas palavras, de seus gestos e da emoção do seu olhar. E isso é apenas uma parte ínfima das vivências de milhões de armênios que nunca cheguei a conhecer.

Continuamos a andar pelos quartos da mansão, pelo quintal. Ela foi construída pelos tios-bisavós de Norair, os irmãos Nishan e Aghajan Der Bedrossian. Aghajan era um membro da assembleia legislativa durante o período Otomano e um homem de posses. O pai dos seis irmãos, Der (Padre) Bedros era o sacerdote da Igreja Surp Hovhannes (São João) do outro lado da rua, em frente à casa, que atualmente é a Mesquita Selahhaddin Ayyubi. Tão logo deixamos a casa e começamos a andar por essas ruas, a sensação do vazio deixado por um povo que viveu nesta cidade por milhares de anos se torna cada vez mais forte. A cada passo, outra "nova" ou "grande" mesquita que um dia já foi uma igreja. E reconhecer esse fato aparentemente também é difícil para muitas pessoas que ali frequentam, rezam.

Seguimos caminhando pelo jardim da mesquita, a "Igreja Escarlata" de outrora. Um *hadji* (fiel) percebe Norair com sua câmera, se aproxima dele, pega pelo seu braço com gentileza e o leva à entrada da mesquita, onde há uma placa informativa, e diz: "Isso aqui foi uma igreja por apenas cinco anos, depois disso, sempre foi uma mesquita...Entendeu? Igreja por apenas cinco anos,

apenas cinco...desde então, sempre uma mesquita...Apenas cinco..." O sorriso e o desespero, tanto no rosto do Norair como do velho peregrino, expõem mais uma vez a monstruosidade do Estado. O fato de não ser capaz de enfrentar o passado, não aceitar este passado lança uma enorme sombra sobre as nossas vidas.

Andando, chegamos à avenida que até há pouco se chamava 12 de setembro. Hoje em dia, Democracia. (12 de setembro é a data do último golpe de estado na Turquia, em 1980). Nos dirigimos a um prédio histórico que era uma vez um orfanato armênio, mais tarde uma fábrica de tapetes e hoje em dia é a escola fundamental Sehit Nusret. As pessoas contam em primeiro lugar a história oficial, e depois de um tempo, a história real: Sehit Nusret (mártir Nusret) foi uma das pessoas responsáveis pelo massacre armênio em Urfa. Ele foi julgado e executado mesmo sem ser um dos "grandes irmãos", aqueles que dirigiram as suas ações. E foi elevado ao status de mártir por sua morte. Crianças correm pelo pátio da escola nomeada em sua homenagem. Essas crianças vão crescer um dia. Elas vão crescer lendo uma história reescrita...

"O que você acha que vai acontecer a partir de agora?" pergunto a Norair. "Você, nós... Como podemos curar nossas feridas? Será que podemos?"

"Antes de tudo, eu iniciei esta estrada com muita esperança", responde. "E eu vi em cada ponto dessa estrada que essa esperança tem base, fundamentos. Compreendi isso muito bem. Precisamos uns dos outros. E não se esqueça, as mentiras têm pernas curtas. Elas não poderão continuar a caminhar por muito tempo..."

A casa em Marach está cheia de buracos

Depois de absorver o torvelinho de emoções destes dois dias em Urfa, seguindo o rastro da família, nos dirigimos a Marach. Não resta muito da presença dos armênios nessa cidade. A casa e o bairro, em que a família Chahinian vivia, viraram cinzas, depois de um incêndio. Mas a casa de primos paternos, Bilezikjian, embora em ruínas, continua em pé. O jardim é cercado por um muro e os portões trancados. As pessoas da vizinhança nos sugerem maneiras de adentrar. O fato das pessoas não estranharem o nosso interesse por entrar numa casa abandonada revela que todo mundo sabe de tudo e, mais, já esperava por isso. Assim, pulamos o muro e estamos no jardim.

O interior da casa também está em ruínas. Nos dizem que a casa foi habitada por viciados em thinners e manipuladores de combustível por algum tempo, e há pouco sobreviveu a um incêndio. Pronto para novas descobertas, Norair começa a caminhar pela casa, em lágrimas. No jardim, nos deparamos com furos profundos. Esta casa também sofreu o destino de muitas igrejas e residências, cujos proprietários tiveram que abandoná-las. Algumas pessoas cavaram esses buracos profundos, a fim de encontrar ouro. Norair pergunta:

"Você sabia que existem sites de internet específicos para isso? Eles explicam onde procurar ouro nos mínimos detalhes" e acrescenta: "Eles ainda estão à procura de ouro nos nossos jardins. Mas o ouro não está debaixo da terra, e sim sobre ela... será que eles não conseguem ver isso? O ouro e a nossa gente que ainda continua a viver aqui, eles não entendem isso?"

Depois de Marach voltamos para a casa em Urfa. Norair tem um longo caminho pela frente. Planeja como última etapa escalar o monte Ararat, e se possível, reunir suas fotos e histórias num livro. Mas, antes disso, pretende estar em Istambul no próximo 24 de abril. "No ano passado eu estava na Armênia, no dia 24 e quero concluir a jornada aqui, no próximo 24 de abril", diz.

Um dia antes da nossa despedida e sua partida, pergunto: "Tudo isso que você viu e fotografou por aqui, o que eles significam especialmente para os armênios da diáspora? Qual será a reação deles sobre este país tão longe de seus sentimentos?"

"O que eu mais quero é mudar essa percepção sobre o país", diz. "Sim, no passado, aconteceram coisas ruins, mas para nós, para as novas gerações, outro tipo de história é possível. Temos que conhecer uns aos outros. Milhares de armênios ainda vivem neste país. E considero cada um deles um herói. A existência dessas pessoas continua a provar que, se houve um plano para erradicar todos os armênios desta terra, este plano falhou. A Turquia está mudando, talvez lentamente, mas está mudando. Pessoas com consciência, estão tomando medidas para enfrentar o passado e construir um futuro de paz. Isto é muito importante e tem que ser conhecido na Diáspora. Eu sou como um pombo-correio, e o meu trabalho é a boa comunicação entre esses dois lados.

"Eu não tenho uma arma - apenas a minha câmera", continua, dizendo que vai voltar para a Turquia. No final da nossa conversa, repete novamente: "Nos não estamos atrás de casas ou terras, nem bens materiais. Estamos em busca da nossa história nestas terras. Mesmo que a tenha sido reescrita por várias vezes, o que realmente aconteceu não pode ser escondido ou apagado."

Vamos acabar com isso?

A história oficial está se desfazendo, está sendo questionada. A história dos armênios na Turquia não pode ser ignorada. Não sabemos como os governos chamarão os eventos do passado. Um escritor judeu disse: "Algo extremamente perfeito é muito desagradável quando apodrece (se decompõe)..um pedaço de madeira apodrecida não é tão desagradável quanto uma flor decomposta esta não é tão repugnante quanto um animal apodrecido e este por sua vez não é tão repugnante quanto um ser humano em decomposição... As pessoas deste país deverão decidir se querem deixar que as suas consciências se decompõem ou não..."

No próximo ano virá com seu pai



Foto por Stepan Norair Chahinian e sua descrição: Cevahir Asuman Yazmaci é a empresária que dirige a pousada desde 2005.

A pousada Cevahir de Urfa é dirigida por Cevahir Asuman Yazmaci desde 2005. É uma das poucas jovens empresárias de Sanliurfa. Cuida muito bem da mansão. A visita do Norair a emocionou também - "Eu sabia que um dia alguém viria atrás da anotação na parede", diz ela. "Só não sabia quando". Antes de deixar a pousada, Norair diz que no próximo ano ele pretende trazer o seu pai, e ao mesmo tempo, quer ter certeza de que a escrita na parede ainda estará ali. A resposta de Yazmaci é muito significativa: "Estamos esperando por você e seu pai. Se a escrita permaneceu na parede até hoje, então pode ter certeza de que ela ficara lá para sempre."